



EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EMPATIA UMA ATIVIDADE INOVADORA PARA O CUIDADO COM O RIO IPOJUCA

José Lucas Fialho Belém*

Ana Lúcia Leal**

RESUMO:

Este trabalho apresenta um relato de experiência de uma atividade realizada com alunos do 1º ano do ensino médio, do interior do estado de Pernambuco e teve por objetivo desenvolver competências socioemocionais, promover a educação ambiental e a criatividade, através do exercício da empatia.

PALAVRAS-CHAVE:.. competências socioemocionais, educação ambiental, bncc, empatia

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2018, tem como seu maior objetivo a formação integral do estudante. Deste modo é esperado que, no final do processo formativo, o estudante seja capaz de mobilizar conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Atualmente existe a necessidade de novas habilidades e do domínio de competências específicas. Zhao (2012) aponta que cerca de um milhão de postos de trabalho desapareceram entre 1977 e 2005, na medida em que três milhões surgiram,

* prof.lucasfialho@gmail.com

** analucialealchaves70@gmail.com

exigindo dos candidatos habilidades significativamente diferentes das exigidas nos empregos perdidos.

No que diz respeito aos estudantes, neste contexto, devem estar à frente do próprio desenvolvimento e a escola tem o papel de viabilizar as melhores condições para isso. Um modelo tradicional, prioritariamente focado na repetição e memorização de conceitos, tem sua necessidade fundamentada em atender demandas antigas. Conforme mostrado por Zhao (2012), o mercado de trabalho e a sociedade têm necessidades diferentes.

O que se percebe nas orientações propostas pelo BNCC é a preocupação com o desenvolvimento integral do estudante a fim de atender às novas necessidades da sociedade. Dos diversos eixos formativos propostos no BNCC, um deles tem sido, a algum tempo, fortemente discutido e implementado nas principais potências educacionais do mundo: A formação socioemocional.

Longe de ser um modismo, formação socioemocional teve o seu debate iniciado nos anos 90, com o surgimento do Paradigma do Desenvolvimento Humano, proposto pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. A necessidade para uma formação integral também foi reforçado por Jacques Delors (2010), em 1996. As habilidades socioemocionais também podem ser chamadas de *soft skills*. Estas habilidades regulam as características sociais, reguladoras e comportamentais (HECKMAN; KAUTZ, 2012) e estão intimamente correlacionadas a forma como os indivíduos se relacionam e interagem com o meio a sua volta.

O desenvolvimento de competências emocionais, como a empatia e a motivação, são motores da criatividade (ROBINSON, ARONICA, 2018) e estão intimamente conectados com o desenvolvimento de soluções para problemas complexo. Teresa Amabile (1983) destaca que a criatividade é o instrumento pela qual se criam soluções e que criativo é aquilo que, além de novo, apresenta-se como uma solução real para um problema real. Resolver problemas é parte do que se tem por competência proposto na BNCC e, neste sentido, o desenvolvimento das capacidades socioemocionais é pertinente não apenas para otimizar os relacionamentos interpessoais, mas como um instrumento para o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo aliando, por meio da criação e combinação de conhecimentos, a participação dos estudantes no desenvolvimento de soluções para a sociedade.

Educação Ambiental: Contextos Locais

Um dos caminhos que podem ser explorados para desenvolver a criatividade, autonomia e as competências emocionais são as abordagens com foco na educação ambiental. Não é de hoje a preocupação com o meio ambiente e o entendimento de que a escola é tem um papel relevante no desenvolvimento da inteligência ecológica (GOLEMAN, 2011). O entendimento de que a educação ambiental é uma alternativa eficaz para promover mudanças e transformações na sociedade foi chancelado na conferência de Belgrado, em 1975, na criação do primeiro “Programa internacional de educação ambiental”.

As iniciativas para a educação ambiental resgatam o surgimento de novos valores que tornem a sociedade mais justa e sustentável (DIAS, 2002). É necessário discutir e implementar soluções para os problemas ambientais vividos pela humanidade, com uma atenção especial para o esgotamento e inviabilização de recursos naturais como, por exemplos, os rios.

Um grande avanço para a educação ambiental no Brasil foi a inclusão da modalidade na BNCC e, por isso, os objetivos de aprendizagem devem levar em consideração as temáticas de interesse da modalidade. Para a educação ambiental, o ambiente natural é o principal campo, e o principal objetivo é corrigir o desequilíbrio existente nas relações humano-ambiente. É a atuação totalmente desarmônica no ambiente que vem causando grandes desequilíbrios ambientais (GUIMARÃES, 1995).

Para o exercício da educação ambiental, concordamos com Jacobi (2004) ao dizer que:

[...] a realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação entre saberes e práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias face à reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes (p. 30).

Nesse sentido, é preciso promover a integração de saberes diversos e questões ambientais contemporâneas que sejam motivadoras e promovam o engajamento dos estudantes. É a partir de situações de impactos ambientais que o processo de ensino e aprendizagem se organiza de forma dinâmica e contextualizada, a partir de temáticas

próximas a sua realidade e os educandos vão buscar atribuir sentido naquilo que é vivenciado (RUA; SOUZA, 2010).

Contudo, essa atribuição de sentido está intimamente relacionada às *soft skills*, dentre elas, as competências socioemocionais. A capacidade de se perceber ou se projetar como parte do problema é uma condição chave para as práticas promovidas na educação ambiental e faz parte do que Goleman (2011) chama de inteligência ecológica.

Empatia e Educação Ambiental

A inteligência ecológica proposta por Goleman (2011) é a mistura de habilidades cognitivas, como, por exemplo, o domínio de ciências e as diversas disciplinas que compõem o currículo escolar, com a empatia por todas as formas de vida. A inteligência ecológica é o entendimento dos problemas relacionados ao meio ambiente aliado a percepção de que cada indivíduo é parte desta solução. A empatia e a análise racional das causas provocam nos indivíduos a motivação para ajudar.

Goleman (1995) considera que a empatia é a projeção de si no lugar do outro, é a capacidade de entender os outros dentro de contextos sociais específicos. A empatia, junto ao autoconhecimento, gestão de si, automotivação e percepção das emoções, compreende os domínios do modelo teórico da inteligência emocional proposto pelo autor.

Dentro da BNCC, tanto as habilidades socioemocionais desejadas aos estudantes, como os objetivos para educação ambiental, englobam os elementos dos construtos teóricos da inteligência emocional e da inteligência ecológica. As habilidades relacionadas à inteligência emocional estão diretamente relacionadas à melhora nos relacionamentos interpessoal e intrapessoal, na aprendizagem, na resolução de problemas e na qualidade de vida em geral (ALZINA, GONZÁLEZ, NAVARRO, 2015).

Nesse sentido, este trabalho relata uma atividade realizada com as turmas de primeiro ano do ensino médio de uma escola da rede pública que, a partir da empatia, motivou os estudantes a desenvolverem soluções tecnológicas para tratamento do Rio Ipojuca. A atividade propôs desenvolver as habilidades socioemocionais esperadas pela

BNCC, bem como atender aos objetivos estipulados para a educação ambiental propostos na Lei nº. 9.795/99.

Desenvolvimento

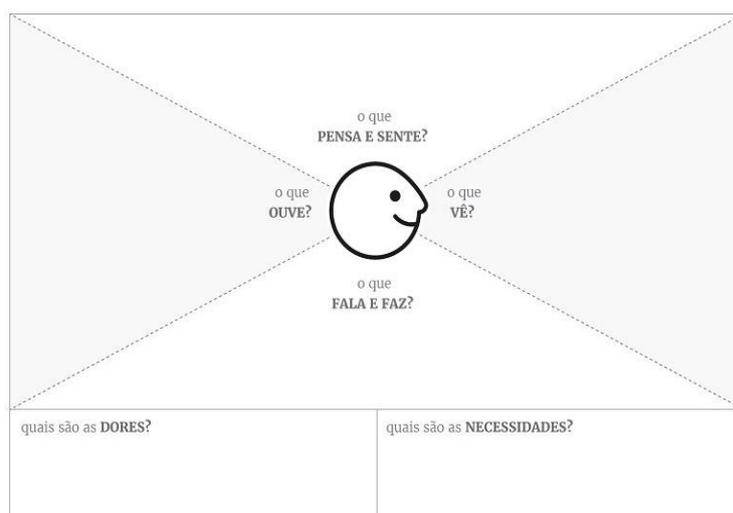
Relato da atividade

A atividade foi realizada com uma turma do 1º Ano do Ensino Médio com 43 alunos da Escola de Referência em Ensino Médio Prof. Antônio Farias que fica localizada no município de Gravatá, no interior do estado de Pernambuco, há aproximadamente 80 km de Recife. A cidade é atravessada pelo Rio Ipojuca, que frequentemente é listado entre os rios mais poluídos do Brasil. Inicialmente a atividade foi planejada em três momentos: A leitura dos textos propostos; O preenchimento do mapa da empatia e; uma socialização das percepções de cada estudante. Esta atividade tinha como principal objetivo ser um tema motivador para o estudo da separação de misturas, que aconteceria de forma expositiva, contudo, com o andamento da atividade, alterações foram necessárias.

Para a escolha dos textos que seriam utilizados na aula, buscamos identificar artistas locais e expressões culturais que fossem próximas aos estudantes. Nesse sentido, três textos foram escolhidos: O primeiro foi a música “*Meu Velho Ipojuca*”, do artista Petrucio Amorim; O cordel “*Salvem o Rio Ipojuca, ele é nosso irmão*”, de Newton Thaumaturgo e; A poesia “*Elegia ao Rio Ipojuca*”, de Genival Vicente. Todos os três textos foram declamados, lidos e ouvidos em sala e foi solicitado que cada estudante escolhesse a expressão artística de sua preferência. Após a escolha, os estudantes, em seus grupos, preencheram o Mapa da Empatia.

Comumente utilizado pelo *Marketing*, o Mapa da Empatia é uma ferramenta utilizada para descrever o comportamento e o perfil de potenciais clientes. É um exercício de empatia, colocar-se no lugar do outro para entender como ele pensa. Essa ferramenta é crucial na definição de público-alvo e o direcionamento da linguagem pela qual a marca se comunicará com o público. Para esta atividade, pedimos que os estudantes preenchessem o Mapa da Empatia (Figura 1) com sua percepção sobre a visão dos autores/compositores, no momento da produção dos textos apresentados.

Figura 1 - Mapa da Empatia



Durante a socialização dos mapas, algumas questões foram recorrentes. Os estudantes identificaram o saudosismo presente nos textos dos autores/compositores que relataram a presença do Rio Ipojuca em sua memória. Outro ponto muito levantado pelos estudantes foi a poluição do rio e, como consequência dela, o impedimento de que crianças brinquem e tenham as experiências antes vivenciadas. A medida que os mapas eram apresentados é que o exercício de estar no lugar dos compositores/autores provocou nos estudantes um desejo por vivenciar a mesma experiência.

A música “*Meu Velho Ipojuca*” foi o texto mais escolhido e um trecho foi recorrentemente citado em durante a exposição dos grupos.

Meu velho Ipojuca

O teu espelho já não brilha

E nessa trilha

Tu parece até comigo

Lençol de pedra

E sonho de baronesa

Nessa tristeza

Aceitando o teu castigo

Os estudantes foram enfáticos em suas falas ao expressar sua indignação com a situação do Rio Ipojuca e repetiram por muitas vezes a palavra “castigo”, como se o rio tivesse sido condenado a ser poluído e que nada mais pudesse ser feito.

Ao final da exposição dos grupos, uma inquietação tomou conta da sala. Durante alguns minutos os estudantes conversavam entre si e eis que surgiu uma proposta: Pensar em meios para limpar o rio.

Este foi um momento complexo, pois, até então, as discussões sobre o Rio se encerrava e tinha servido a seu propósito, que era ser um tema motivador para o próximo encontro, quando iniciariamos as aulas sobre separação de misturas, contudo, os estudantes estavam muito entusiasmados e essa motivação precisava ser aproveitada. Foi solicitado então um prazo para elaborarem um pequeno projeto, a fim de darem vazão a suas expectativas.

Às vezes, durante o processo educativo, nós, educadores, precisamos fazer alguns ajustes durante o percurso, seja para atender as demandas que surgem ou para corrigir assimetrias. A nossa grande preocupação deve ser sempre para com o aprendizado dos nossos estudantes.

Na semana seguinte foi apresentado o Projeto “Soluções para o Ipojuca”. Cada grupo, anteriormente formado para o preenchimento do mapa da empatia, desenvolveria uma solução de baixo custo que pudesse tratar algum tipo de poluente que contaminasse o rio. Aos estudantes foram apresentadas soluções bem sucedidas realizadas ao redor do mundo para o tratamento de rios, com vistas a estimular a criatividade. Todas as ideias foram apresentadas em uma miniconferência que aconteceu no auditório da escola, onde todos os grupos apresentaram suas propostas.

Das ideias apresentadas, uma foi escolhida para criação de um protótipo: Um filtro de vácuo utilizando garrafa *pet*, posteriormente “batizada” pelos estudantes de ABM1. A escolha teve como principal critério a viabilidade na criação do protótipo e o desempenho na apresentação da proposta.

Conclusão

A atividade proposta permitiu que os estudantes se colocassem no lugar de outras pessoas e esse sentimento os motivou para desenharem soluções para os problemas propostos. Pelo exposto, podemos considerar que propor atividades que se conectem emocionalmente com os estudantes parece ser um caminho promissor para o desenvolvimento das competências socioemocionais listadas na BNCC.

Referências

- AMABILE, Teresa Maria.. *The Social Psychology of Creativity*. New York: Springer-velarg, 1983. 245 p.
- ALZINA, Rafael Bisquerra; GONZÁLES, Juan Carlos Pérez; NAVARRO, Esther Garcia. *Inteligencia emocional en educación*. Madri: Editorial Síntesis, 2015. 340 p.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- DELORS, Jacques (Org.). *Educação: Um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (destaques)*. Brasília: Setor de Educação da Representação da Unesco no Brasil, 2010. Versão em português publicada em 2010 pelo escritório da Unesco em Brasília. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por>. Acesso em: 25 out. 2019
- DIAS, Genebaldo Freire. *Antropoceno: Iniciação a temática ambiental*. São Paulo: Gaia, 2002. 112 p.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Ecológica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 264 p.
- _____. *Inteligência social: o poder das relações humanas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011a. 465 p.
- GUIMARÃES, Mauro. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus, 1995. 107 p. Coleção Magistério, formação e trabalho pedagógico.
- HECKMAN, James J.; KAUTZ, Tim. Hard evidence on soft skills. *Labour Economics*, [s.l.], v. 19, n. 4, p.451-464, ago. 2012.
- JACOBI, Pedro. *Educação e Meio Ambiente - transformando as práticas*. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*. Brasília, v. 2 N. 0, p. 28-35, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/1859/1264>>. Acesso em: 18 out. 2019.
- ROBINSON, Ken; ARONICA, Lou. *Escolas Criativas: A revolução que está transformando a educação*. Porto Alegre: Penso, 2019. 258 p.
- RUA, Emílio R.; SOUZA, Paulo Sérgio Alves de. *Educação Ambiental em uma Abordagem Interdisciplinar e Contextualizada por meio das Disciplinas Química e Estudos Regionais*. *Química Nova na Escola*, São Paulo, v. 32, n. 2, p.95-100, maio 2010. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc32_2/07-RSA-5909.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- ZHAO, Yong. *Test Scores vs. Entrepreneurship: PISA, TIMSS, and Confidence*. 2012. Disponível em: <<http://zhaolearning.com/2012/06/06/test-scores-vs-entrepreneurship-pisa-timss-and-confidence/>>. Acesso em: 18 out. 2019.